CASA SANTA: UM ABRIGO COM PINTURAS RUPESTRES DO ESTILO SERIDÓ NO RIO GRANDE DO NORTE [1]

CASA SANTA ARCHAEOLOGICAL SITE: A ROCK SHELTER WITH ROCK ART OF THE SERIDÓ STYLE IN RIO GRANDE DO NORTE

Gabriela Martin[2]

Resumo: O artigo apresenta o abrigo Casa Santa, situado no Seridó do Rio Grande do Norte, e analisa suas pinturas rupestres atribuídas ao estilo Seridó, inserido na Tradição Nordeste. O sítio, de acesso difícil e sem sedimento que permita escavação, conserva pinturas realizadas com traço fino e firme, predominando o vermelho, com uso secundário de amarelo, branco e preto. As cenas, de pequeno tamanho e grande movimentação, representam atividades como caça, luta, dança, sexo e grupos familiares, além de antropomorfos com armas e adornos, zoomorfos, pirogas e elementos paisagísticos. Destaca-se o "Grande Painel", com sobreposição de duas fases pictóricas e ampla variedade de figuras, cenas rituais e cotidianas. O artigo relaciona o estilo Seridó ao estilo Várzea Grande, sem estabelecer relação cronológica entre ambos, e discute a organização social dos grupos representados. Metodologicamente, defende o estudo integral das cenas e a colaboração interdisciplinar. **Palavras-chave:** Seridó; Pintura Rupestre; Sítio Casa Santa.

Abstract: The article presents the Casa Santa rock shelter, located in the Seridó region of Rio Grande do Norte, and analyzes its rock paintings attributed to the Seridó style, which is part of the Northeast Tradition. The site, difficult to access and lacking sediment that would allow excavation, preserves paintings made with fine, firm lines, predominantly in red, with secondary use of yellow, white, and black. The scenes, small and highly dynamic, represent activities such as hunting, fighting, dancing, sex, and family groups, as well as anthropomorphs with weapons and adornments, zoomorphs, pirogues, and landscape elements. The "Great Panel" stands out, with overlapping of two pictorial phases and a wide variety of figures, ritual and daily scenes. The article relates the Seridó style to the Várzea Grande style, without establishing a chronological relationship between them, and discusses the social organization of the groups represented. Methodologically, it defends the integral study of the scenes and interdisciplinary collaboration. **Keywords:** Seridó; Rock Art; Casa Santa Site.

---

1 A presente publicação consiste na reprodução do artigo originalmente divulgado na Clio Revista do Curso de Mestrado em História, v. 5, n. 1 (1982), jan.–dez. Justifica-se a republicação por seu valor histórico-documental para o campo da arte rupestre e pela necessidade de ampliar sua acessibilidade, preservação e citabilidade no circuito científico atual. As alterações realizadas restringem-se a adequações editoriais de formatação e à inserção de resumo, abstract e palavras-chave, conforme normas de publicação científica, sem modificação do conteúdo científico original. A pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq)

2 À época da publicação original, a autora exercia atividades de docente no Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco.

Introdução

Dos sítios arqueológicos com pinturas rupestres em estudo na região do Seridó, no Rio Grande do Norte, o abrigo "Casa Santa", é um dos mais interessantes, pela riqueza da temática e variedade de cores. É também um dos menos conhecidos pelos arqueólogos ocasionais da região, pela sua longa distância e seu difícil acesso através de Carnaúba dos Dantas, a cujo município pertence.

Temos chamado de estilo Seridó as pinturas rupestres de um grupo de abrigos sob rocha, localizados nos vales do rio Seridó e de seus afluentes, tributários da bacia do Açu. Os abrigos, localizados nas encostas das serras que circundam os vales, com alturas de 500 m sobre o nível do mar, apresentam características semelhantes entre si, quer na técnica de elaboração, quer nos temas figurativos que os agrupam num mesmo contexto cultural (Martin, 1982) (Figura 1).

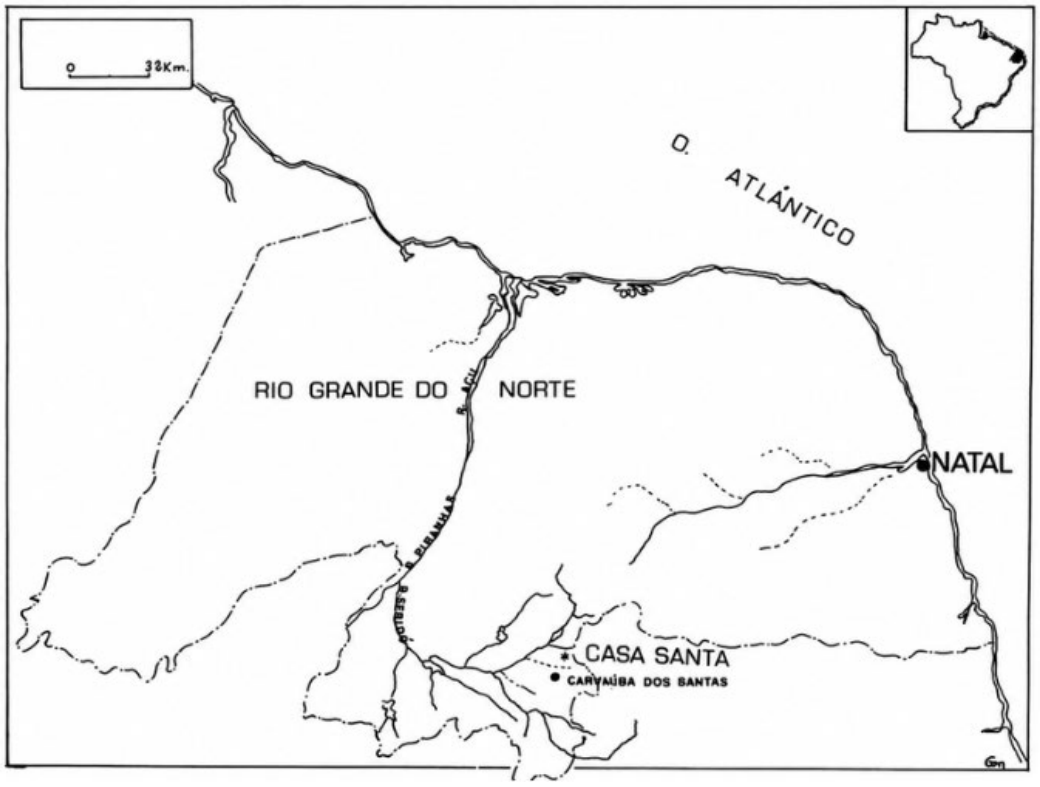


Figura 1: Mapa com a localização do Sítio Casa Santa no Estado do Rio Grande do Norte Brasil.

As características do estilo Seridó são: traçado firme do desenho, pequeno tamanho das figuras, pouca determinação do sexo nos antropomorfos e ausência de repouso nas cenas, onde, ao contrário, as figuras parecem desenvolver intensa atividade, como possuídas por grande agitação. As faces das figuras humanas esquematizam perfis em atitude agressiva como se gritassem. Este aspecto coincide em parte com o já destacado por Guidon (1976) ao definir o estilo Várzea Grande, no Piauí: "As figuras humanas caminham, pulam, correm, dançam com movimentos graciosos, lançam dardos ou atacam com bordunas ou machados. Algumas são estáticas mas revelam uma expressão emocional pela posição dos braços da cabeça e do corpo ... " Observamos que esta descrição é também válida para o estilo Seridó.

Aceitando a metodologia classificatória proposta por Guidon (1976) para o Sudeste do Piauí e considerando, em consequência, que o conceito de tradição vem definido pela temática, inserimos o estilo Seridó dentro da Tradição Nordeste, cujas principais características são: equilíbrio no número de antropomorfos e zoomorfos, menor número de grafismos puros (figuras geométricas), existência de grafismos de ação, ou seja, representações de cenas. Esses elementos encontram-se nas pinturas que estamos estudando, as quais dentro da Tradição Nordeste, teriam seus maiores pontos de contato no estilo Várzea Grande do Sudeste do Piauí, sem que por isso queira-se estabelecer relação cronológica entre os dois estilos, mas apenas assinalar que uma tradição de pintura rupestre teve seu núcleo de dispersão no Sudeste do Piauí, onde a concentração de abrigos pintados é maior e se estendeu por outras regiões do Nordeste, não ficando isolada na região originária.

As pinturas do estilo Seridó foram realizadas com pincel muito fino e traço firme, geralmente com tinta vermelha; também foram utilizados o amarelo, o branco e o preto em menor quantidade. Representam cenas de grande realismo e vivacidade, com temas de caça, luta, dança e sexo, o último tema em menor quantidade. As figuras, de pequeno tamanho oscilam entre 5 e 15 cm. de altura e apresentam atributos que as diferenciam socialmente, tais como armas (arcos, bordunas e propulsores) e adornos (cocares, saias e pintura corporal). Entre os zoomorfos encontramos veados, onças, capivaras e grande número de aves entre as quais predominam emas, papagaios, além de tucanos. Em alguns abrigos são representadas barcas ou pirogas com remos, geralmente associadas a cenas humanas que se repetem nos diferentes abrigos, acentuando-se, assim, outra característica do estilo. Em geral, as cenas repetidas têm sentido mágico ou religioso, tais como danças em torno de uma árvore ou figuras que dançam

com ramos nas mãos; grupos de caçadores levam armas e objetos arredondados nos braços, representando sacolas; uma figura adornada com grande cocar, dirige, às vezes, o grupo. Outra característica peculiar é a presença de "paisagem" separando as cenas, com desenhos que sugerem vegetação rasteira e a figura de um grande pássaro gigante, se comparado ao tamanho das outras figuras, que se apresenta com aspecto de totem isolado.

Essa grande variedade de cenas e figuras, pode ser encontrada em apenas sete abrigos copiados exaustivamente. Entretanto ainda existem outros do mesmo estilo, cujo estudo deverá ser realizado brevemente. Na mesma região existem também numerosas gravuras rupestres da Tradição Itacoatiara ao longo de riachos e cursos d'água, que farão parte de outro estudo em preparação.

O abrigo Casa Santa (RN-CD-3). está situado sobre o riacho do Bojo, afluente do Carnaúba, tributário do Seridó, geralmente seco e que somente enche nas enxurradas do inverno. O abrigo está situado no meio de uma caatinga fechada e hostil onde e preciso entrar a golpe de facão e na qual são comuns a onça, o preá e o tatu. além de grande variedade de cobras. As pegadas de onça são visíveis durante grande parte do caminho arenoso. A uma hora de caminho do abrigo, no leito do riacho, existe um olho d'água perene no qual mesmo na grande estiagem de 1980-81 pudemos comprovar que o depósito se mantinha cheio d'água.

O abrigo tem 3,40 m de altura, 5,40 m de largura no ponto mais profundo e 26 m de comprimento. Virado para o poente, e fresco e sombrio até o meio-dia, porém a partir das 13 horas. aproximadamente, o sol penetra e ilumina as pinturas, que desaparecem a olho nu, fazendo com que a permanência nele se torne insuportável pelo calor. De pouca profundidade, sua base assenta diretamente na rocha sem que exista nenhum sedimento que permita escavações arqueológicas. O sítio não apresenta condições para habitação permanente e nenhum resto arqueológico foi achado nas imediações (Figura 2).

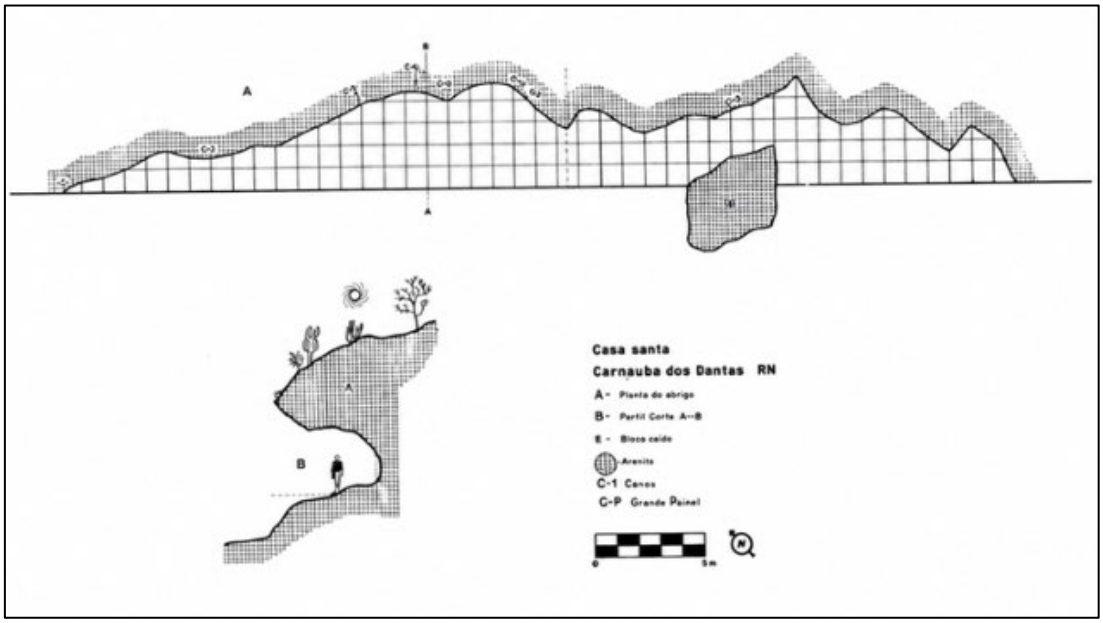


Figura 2: Croqui dos painéis do sítio Casa Santa. Carnaúba dos Dantas (RN)

As pinturas de Casa Santa, como nos outros sítios do mesmo estilo, cobrem, praticamente, toda a superfície do abrigo, porém, em grande parte do mesmo, estende-se uma camada salina sobre o arenito que, em alguns casos, cobre as pinturas por completo. Noutras áreas, a esfoliação natural da rocha, destruiu numerosos desenhos, encontrando-se alguns fragmentos de rocha com pinturas no solo. O sítio forma um salão central e dois pequenos recintos laterais, todos eles com pinturas.

Temos observado nos abrigos com pinturas do estilo Seridó que todos apresentam um recinto ou lugar protegido onde a rocha aparece mais firme e polida, no qual se concentra o maior número de desenhos, em alguns casos com cenas superpostas formando palimpsesto. Este detalhe é particularmente significativo nos sítios do Boqueirão, em Parelhas, e em Casa Santa, de que, agora, nos ocupamos. Esses conjuntos de grande concentração de pinturas que chamamos de “Grande Painel” ou “Santuário” contrastam com o resto do abrigo onde as cenas se sucedem com nitidez e certa ordem, sem superposição de temas pictóricos. Não podemos deixar de pensar no caráter mágico-religioso destes recantos protegidos e profusamente pintados, tão característicos do estilo (Figuras 3 a 5).



Figura 3: Pinturas rupestres do Grande Painel. Sítio Casa Santa. Carnaúba dos Dantas (RN).

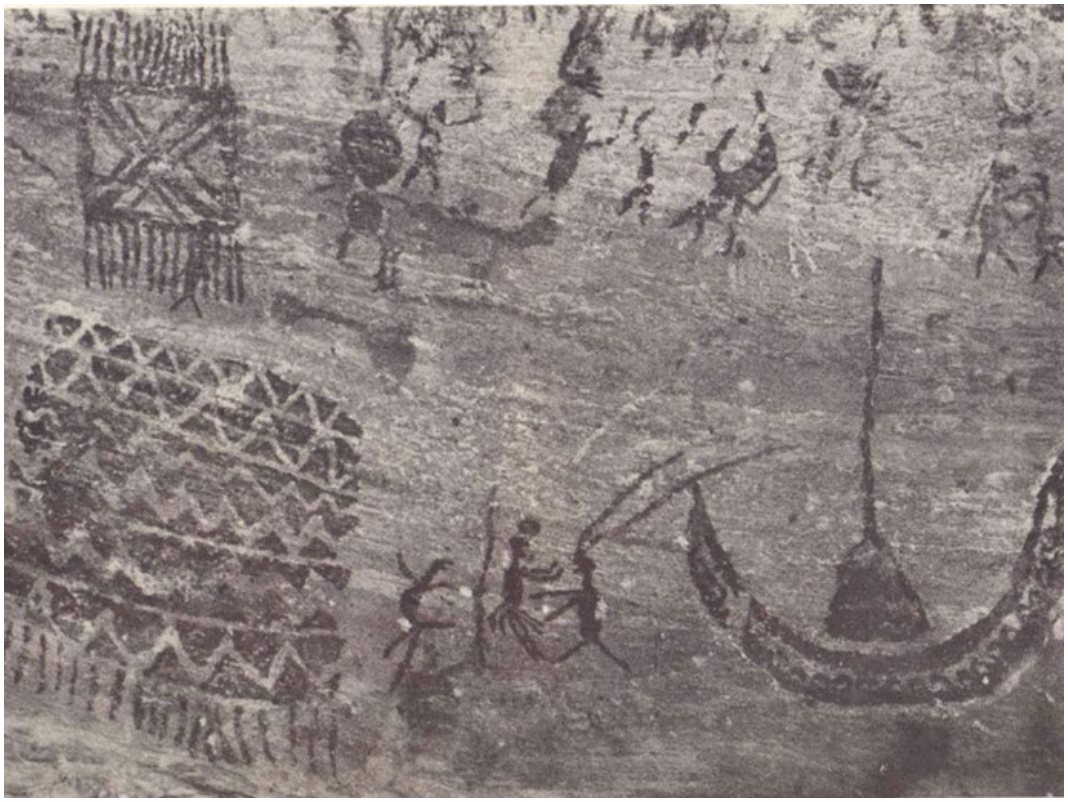


Figura 4: Detalhe do Grande Painel. Sítio Casa Santa. Carnaúba dos Dantas (RN).



Figura 5: Detalhe do Grande Painel. Sítio Casa Santa. Carnaúba dos Dantas (RN).

Entre as numerosas cenas representando danças que se encontram nos abrigos do estilo Seridó, destacam-se as relacionadas com árvores ou ramos. Em todos os sítios até agora pesquisados, encontramos repetidamente o tema. Em Casa Santa, uma figura humana adornada com um grande cocar, estica os braços que sustentam um ramo com galhos (Figura 5) e é evidente a atitude do dançarino como um personagem principal cuja hierarquia vem assinalada pelo grande cocar; seguem-lhe uma fileira de outras figuras humanas que acompanham a dança, numa das cenas mais marcantes do "Grande Painel" (Figura 5).

O mesmo tema, com pequenas variantes, aparece nos outros sítios; no abrigo Xique-Xique II (Carnaúba dos Dantas) em uma das mais belas cenas do estilo, uma roda de figuras humanas, formando pares, gira em torno de uma figura central. possivelmente mascarada, que sustenta um ramo em cada mão numa graciosa atitude (Figura 6). Há outra figura semelhante noutro painel do mesmo abrigo (Figura 6). No abrigo Xique-Xique I, várias figuras humanas esquematizadas, dançam em torno de uma árvore; os antropomorfos e os galhos da árvore confundem-se e a falta de perspectiva as coloca umas em plano superior às outras. No Boqueirão (Parelhas). as cenas do mesmo tipo repetem-se em vários painéis.



Figura 6: Danças com árvores e ramos no estilo Seridó. Figuras 1-2, sítio Xique- Xique I, Carnaúba dos Dantas; Figuras 2-6-7, sítio Boqueirão de Parelhas, Parelhas; Figura 4, sítio Casa Santa, Carnaúba dos Dantas; Figura 5, sítio Xique-Xique |, Carnaúba dos Dantas, (RN).

No painel n. 3, a 5 m de altura do solo, uma cena representa duas figuras que dançam segurando uma árvore. Frente a estas cenas, sentimos a necessidade de perguntar-nos pelo significado das mesmas. A primeira resposta que se nos oferece é que estariam relacionadas com cultos agrícolas, porém não podemos esquecer a existência de ritos relacionados com plantas alucinógenas, como é o caso da jurema (*Pithecolobium tortum e Pithe. diversifolium*), amplamente difundidos nas populações indígenas, ou o rito do juazeiro sagrado (*Zizyphus joazeiro*), árvore que não perde a folhagem durante a seca, ainda praticado pelos

remanescentes Fulni-ô, de Águas Belas, em Pernambuco. Também é importante assinalar que, no Sudeste do Piauí, em abrigos com pinturas pesquisados por Guidon (1976), aparece o mesmo tema, sejam homens dançando em torno de árvores, sejam figuras humanas com ramos nas mãos, num contexto cultural de caçadores com cronologias muito antigas que excluem conhecimentos agrícolas.

Outro tema bem característico do estilo Seridó, e que temos denominado "grupos de família", é a cena com três figuras humanas que se repete em todos os abrigos (Figura 7), inclusive mais de uma vez. Com diferenças no vestuário e na atitude, a cena é, basicamente, a mesma: duas figuras humanas que poderíamos identificar como de distinto sexo porque, geralmente, há marcadas diferenças entre elas, protegem, contemplam ou admoestam outra figura menor, seguramente uma criança. A diferença de sexo entre as figuras maiores vem determinada ou pela indicação dos atributos sexuais nas figuras ou pela diferença na vestimenta e nos adornos; a figura central é sempre mais singela e de traço mais simples.

Em Casa Santa, as figuras adultas do grupo apresentam grandes cabeleiras compridas que ultrapassam os pés; no sítio Xique-Xique I, as figuras adultas levantam os braços sobre a criança; em Xique-Xique II, as figuras adultas, com pintura corporal ou túnicas de fibra plantada ou trançada, levantam os braços sobre o menor. No mesmo sítio encontramos, também, as figuras de grandes cocares ou longos cabelos; uma das figuras levanta os braços com uma arma sobre a cabeça do menor, este também armado e adornado com cocar. Vários desses grupos, foram desenhados no manuscrito de José Azevedo Dantas[3] que fez a descrição seguinte:

> Silhuetas prehistóricas. Alguns casaes de tão longevos tempos consagram a graça do menor que se inicia na vida primitiva. O velho cacique ou o chefe da tribu, ostentando bellas divisas que se desprendem de seu singular capacete, ergue o “glorioso” tacape invocando por sua voz valores ao seu...

3 Jose de Azevedo Dantas. indícios de uma Civilização Antiquíssima, manuscrito inédito existente no Instituto Histórico da Paraíba. Seu autor arqueólogo e jornalista autodidata, natural de Carnaúba dos Dantas, percorreu, entre 1924 e 1926, as serras da região, do Seridó, copiando pinturas e gravuras rupestres que colecionou cuidadosamente. Redigiu, também, manualmente dois jornais, O Raio e O Momento, que distribuía entre seus conterrâneos. Vários exemplares, assim como seu diário e seus numerosos desenhos, foram-nos confiados pela família, residente em Carnaúba dos Dantas. Um trabalho sobre este interessante pesquisador está em preparação e será publicado pela Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal do Rio Grande do Norte.



Figura 7: Grupos “familiares” no estilo Seridó. 1-2 sítio Casa Santa; 2-4 sítio Xique-Xique I; 5-6 sítio Xique-Xique II, Carnaúba dos Dantas (RN).

Deliberadamente, renunciamos a utilizar tabelas e gráficos estatísticos da maior ou menor ocorrência de determinados tipos, formas, número de antropomorfos e zoomorfos etc., por considerarmos que a temática dos painéis rupestres tem uma unidade intencional, que pode não estar clara para os nossos olhos, porém, representava uma estrutura lógica para seus autores. Desmembrar os painéis rupestres e privar as figuras de sua liberdade, fechando-as dentro dos quadros de uma tabela de coordenadas e abcissas e, na nossa opinião, impor nossa lógica matemática a um grupo humano cujos conceitos e valores de comportamento nada têm a ver conosco. Sempre que possível e dentro das limitações gráficas que nos são impostas, procuramos reproduzir os painéis completos, apenas indicando as cenas mais significativas em tamanho maior.

É comum utilizarem-se, atualmente, no estudo da arte rupestre brasileira, fichas e tabelas que permitam estabelecer estatísticas de ocorrência de motivos e temas pictóricos. O método científico em Arqueologia, caracterizado, especialmente, pelos métodos estatísticos, entre os quais o método Ford (1962), o mais utilizado no Brasil, tem dado excelentes resultados na análise da cerâmica e do material lítico, porém, o tabelamento das representações rupestres primitivas tem-se revelado, na nossa opinião, completamente inútil, especialmente nas pinturas do estilo Seridó, onde as figuras formam sempre parte de uma cena, sendo muito raras as figuras isoladas, portanto separá-las por grupos de antropomorfos e zoomorfos, posição, movimento, atitude, tamanho ou forma, significa isolá-las do contexto sem resultados positivos aparentes. Não devemos esquecer que, se o elemento mágico religioso representa o tema principal na arte rupestre universal, não pode ser desprezado o gosto estético de cada grupo ou do indivíduo que realiza a pintura. Na nossa opinião, os painéis de pinturas e gravuras rupestres devem ser estudados no seu conjunto e não por figuras e desenhos isolados, pois o resultado desta última técnica seria o mesmo que se obteria ao estudar a obra de um pintor dividindo seus quadros em fragmentos. Tem-se tentado também estudar a arte rupestre por computação, sem que os resultados obtidos, até o momento, tenham levado a nenhuma conclusão satisfatória.

Para evitar que predomine única e exclusivamente a visão do arqueólogo, possivelmente objetiva demais, nas nossas missões para o estudo das pinturas do Seridó, temos acompanhado, sistematicamente, uma artista plástica e uma antropóloga cultural, capazes de estudar as pinturas através de óticas diversas, o que tem sido de grande ajuda na hora das interpretações.

Distribuição dos desenhos no abrigo Casa Santa

O abrigo apresenta um nicho limitado pela própria conformação da rocha, onde se acumula a maior concentração de pinturas e que denominamos “Grande Painel” (Figura 2). As pinturas restantes foram separadas por cenas, diante da impossibilidade de se estabelecer painéis contínuos, pois a decomposição da rocha destruiu áreas que certamente estavam cheias de desenhos. Identificamos treze cenas. A cena n. 1 está a poucos centímetros do ponto zero da linha d'água, fora do abrigo, num pequeno nicho; as cenas 2 a 12 estão dentro do abrigo e são fragmentos de grandes painéis, hoje perdidos. Fora do abrigo, à direita, num pequeno recôncavo, identificamos a cena n. 13.

Cena n.1

Com grande nitidez, numa cor vermelha escura, identifica-se uma fileira de seis guerreiros segurando as armas com ambas as mãos, por cima da cabeça; diante do grupo, uma figura itifálica parece enfrentá-los. Outros homens armados lutam entre si com maças ou bordunas (Figura 8 – Cena 1a). Um grupo "familiar", de traço bem nítido, mostra um guerreiro armado, a criança e outra figura humana, de tamanho menor, seguramente feminina, com os braços levantados em gesto protetor (Figura 9 – Cena 1b). Outras figuras armadas enfrentam-se numa mistura de luta e dança.



Figura 8: Cena 1. Fileira de guerreiros com as armas n as mãos. Sítio Casa Santa, Carnaúba dos Dantas (RN)

Cena n. 2

Muito apagada, na cor vermelho-claro, devia ter um maior número de figuras que hoje são apenas manchas cortadas pela esfoliação da rocha. Identifica-se um antropomorfo, com o característico perfil do estilo, e uma armadilha (Figura 9 – cena 2).

Cena n. 3

Formada pela figura única de um dançarino que parece ter sido surpreendido no ato de pular. Desenho nítido e singelo na cor vermelha (Figura 9 – cena 3).

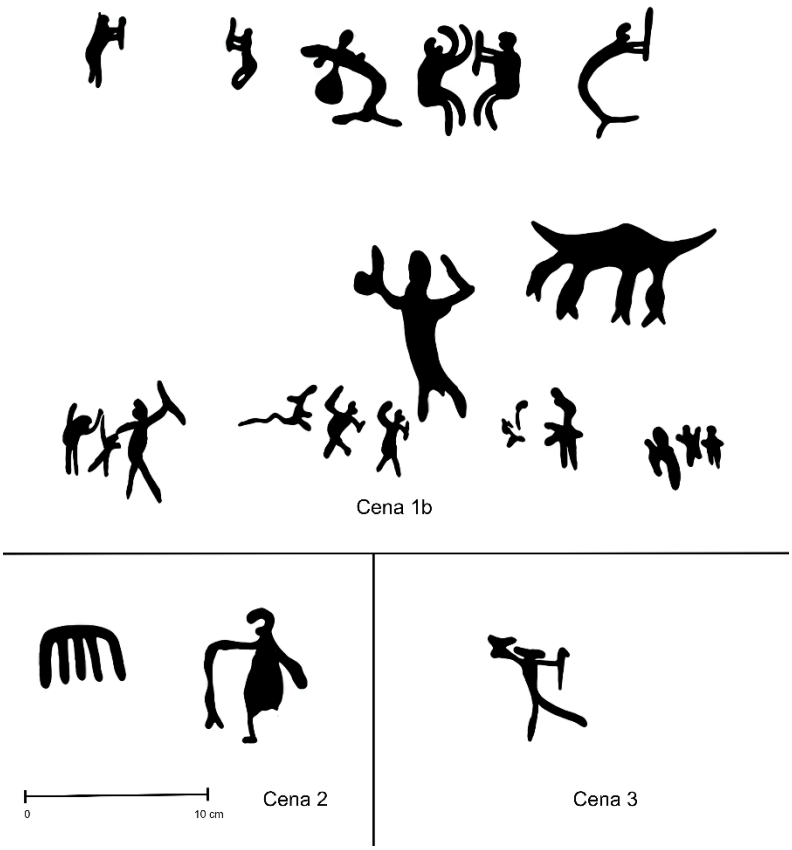


Figura 9: Antropomorfos e zoomorfos. Cenas 1 b, 2 e 3. Sítio Casa Santa, Carnaúba dos Dantas (RN)

Cena n.4

Três zoomorfos e um antropomorfo aparentemente sem relação entre si. Uma ema frente a uma série de linhas verticais paralelas que podem representar uma armadilha ou uma mata. Dois veados de desenho bem nítido e a figura de um caçador ou guerreiro com o característico perfil, empunhando sua arma. Os desenhos apresentam-se em três níveis pela falta de perspectiva, caso se deseje identificar uma única cena de caça (Figura 10).

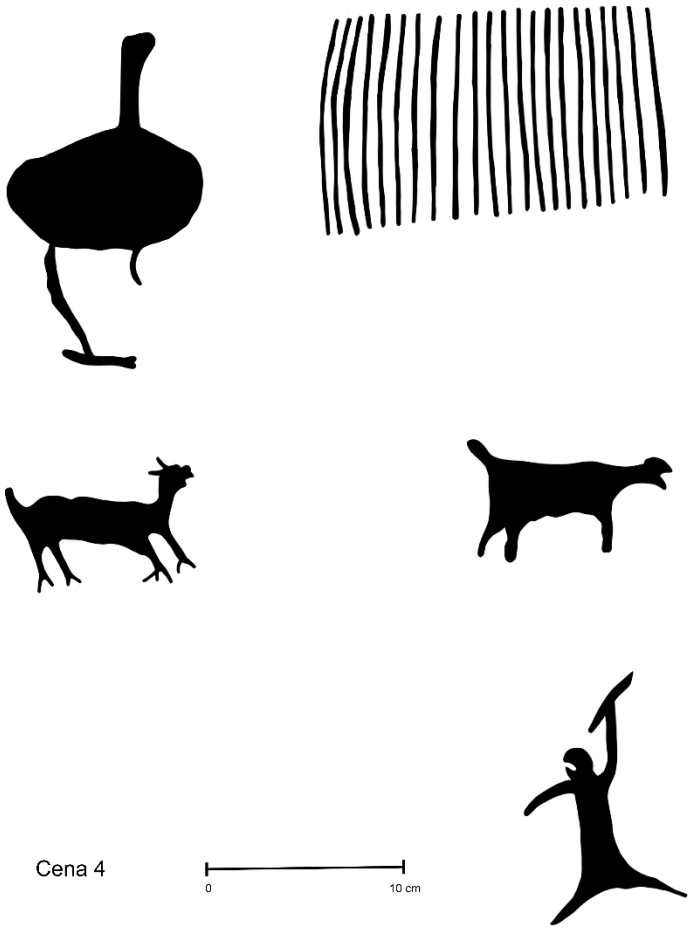


Figura 10: Cena 4. Zoomorfos e antropomorfo aparentemente sem relação entre si. Sítio Casa Santa, Carnaúba dos Dantas (RN)

Cena n. 5

Sobre uma base amarela, antropomorfos na cor vermelha, parecem segurar-se pelas mãos dançando. Na cabeça apresentam antenas. O desenho e muito esquemático, porém a ideia do tema e a mesma da cena n. 8. Na frente, outro antropomorfo com o típico perfil e longo cocar, segura uma arma e parece chefiar o grupo.

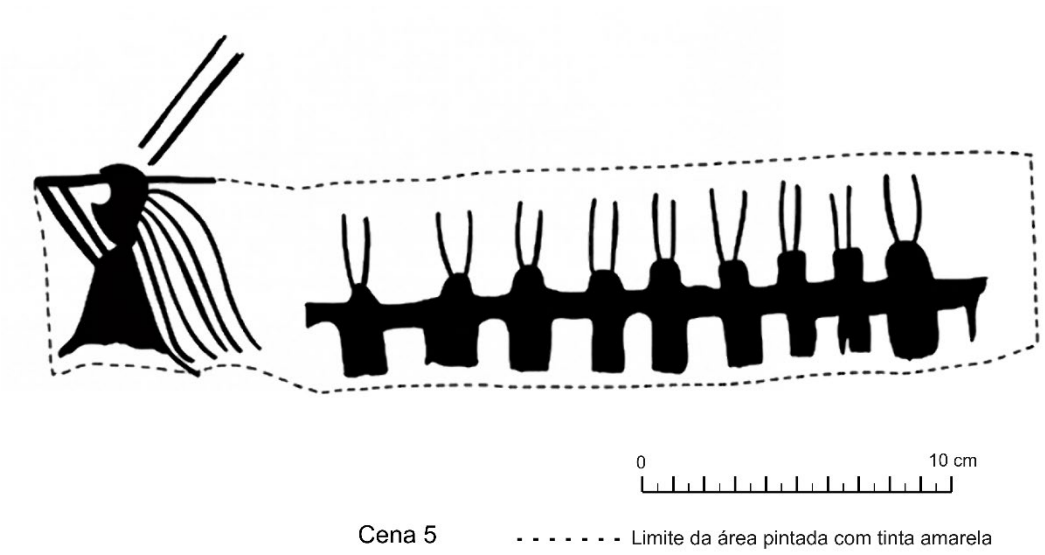


Figura 11: Cena 5. Figura Antropomorfa. Sítio Casa Santa, Carnaúba dos Dantas (RN)

Cena n. 6-7

Figuras antropomorfas com máscaras que se assemelham a grandes chifres, também representadas no Grande Paine l e que levam bolsas penduradas nos braços estendidos, corpo ou roupa pintada e um grande cocar; na parte superior um zoomorfo (quelônio?). Cor vermelha (Figura 12).

Cena n. 8

Pequenos antropomorfos com duas ou três antenas na cabeça, seguram-se pelas mãos numa dança de roda em torno de outra figura maior com cocar de longas penas e que, também, parece dançar. O tema e o mesmo da cena n. 5 (Figura 11). Cor vermelha clara (Figura 12).

Cena n. 9

Duas estranhas figuras, de grandes bocas com dentes, retorcem-se enquanto duas enormes setas vão ao seu encontro. Possivelmente representam onças feridas. Outra onça, peluda, de grandes garras e dentes, aproxima-se. Uma série de linhas paralelas pode indicar uma armadilha ou a mata onde o animal estava escondido. Um pouco mais afastados, um antropomorfo e uma arara. Cor vermelha clara (Figura 12).

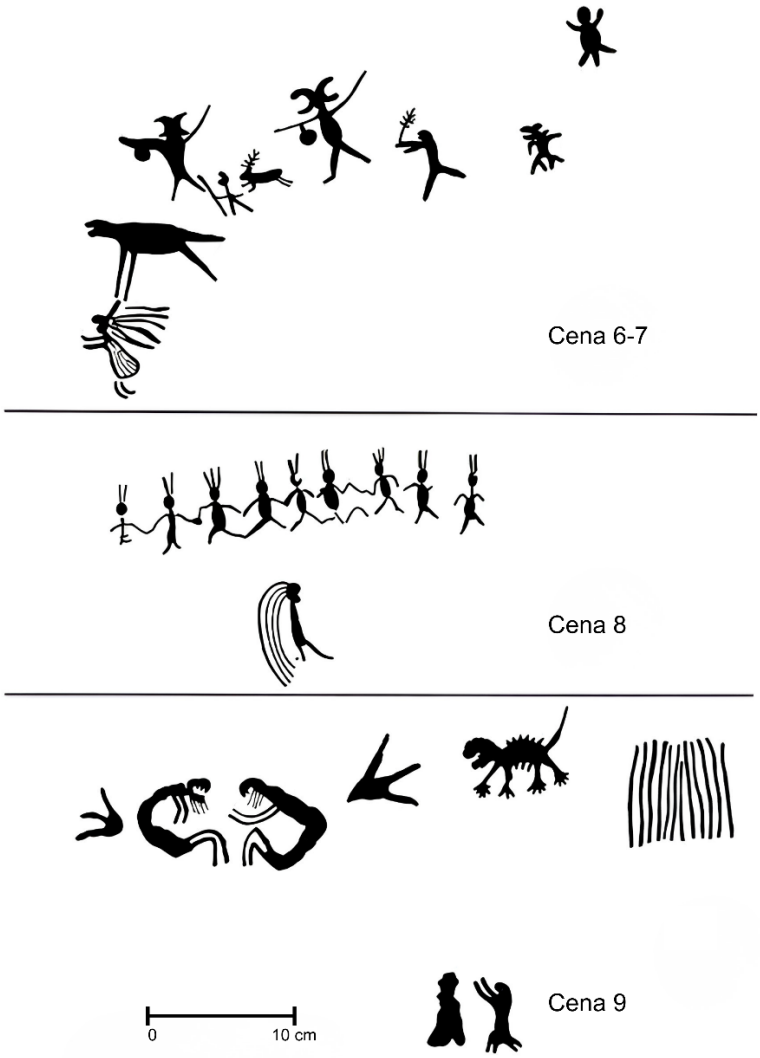


Figura 12: Cenas 6, 7, 8 e 9. Figuras antropomorfas e zoomorfas. Sítio Casa Santa. Carnaúba dos Dantas (RN)

Cena n.10

Duas figuras humanas, armadas com arcos e setas, parecem lutar; as figuras levam cocares e, possivelmente, saias de fibras. Uma figura isolada dança com movimentos graciosos. Cor vermelha (Figura 13).

Cena n. 11

Dez figuras humanas caminham em fila, as cabeças de perfil com forma de meia-lua característica do estilo Seridó. Na parte superior, uma figura maior com cocar, sentada, contempla a cena. Cor vermelha (Figura 13).

Cena n. 12.

Três figuras antropomorfas, com armas e bolsa na mão. Cor vermelha (Figura 13).

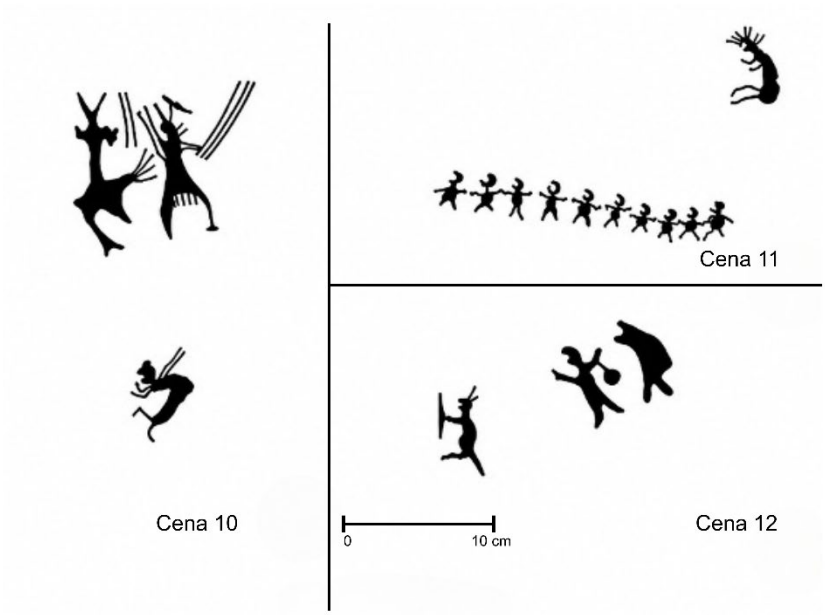


Figura 13: Cenas 10, 11 e 12. Figuras antropomorfas. Sítio Casa Santa. Carnaúba dos Dantas (RN)

Cena n. 13.

Fora do abrigo, a direita, numa concavidade da rocha e já muito apagada, encontramos a figura de um guerreiro ou caçador armado. Embaixo do painel, uma figura humana ainda com a arma na mão parece caída no solo; outras perseguem um veado que se esconde na mata. Figuras antropomorfas, com penas e cocares e braços levantados, parecem dançar em torno de quadrúpedes abatidos e de pernas para o ar. Na parte baixa do painel, uma figura de maior tamanho, isolada, apresenta-se com um grande cocar que se arrasta até o solo (Figura 14).

O Grande Painel.

O painel forma um dos conjuntos mais interessantes e belos do estilo Seridó e provavelmente de toda a pintura rupestre brasileira. Sobre um fundo de tons escuros, os desenhos aparecem nítidos, cheios de movimento e vivacidade, numa sequência ininterrupta de “usos e costumes” do grupo humano retratado. Aos olhos do observador, cansado e sedento, após longa caminhada na caatinga, o espetáculo é, sem dúvida, altamente compensador.

Numa concavidade da rocha, cuja superfície pode ter sido alisada artificialmente, agrupa-se, a partir de quase 4 m de altura, a maior concentração de desenhos do abrigo.

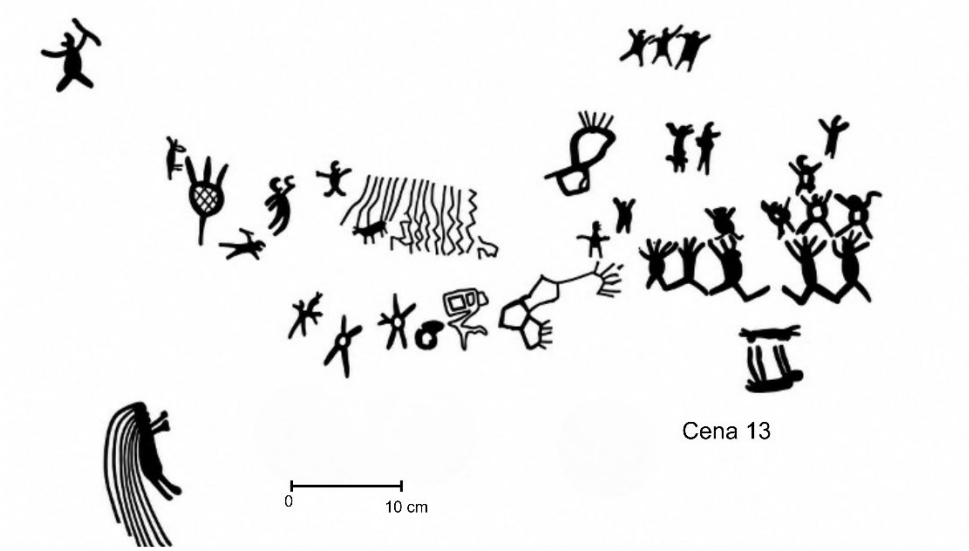


Figura 14: Cena 10. Figuras antropomorfas. Sítio Casa Santa. Carnaúba dos Dantas (RN).

Ao contrário de outros painéis de Casa Santa, o Grande Painel foi pintado pelo menos em duas etapas e, seguramente, por artistas diferentes, se bem que o estilo seja o mesmo e não haja, aparentemente, diferenças cronológicas significativas entre uma e outra fase. As duas etapas da pintura do Grande Painel foram realizadas com tintas e tonalidades diferentes, branca e amarelo-laranja a primeira e vermelha a segunda, o que permite separar facilmente as duas fases. Os desenhos sobrepõem-se na sequência da cor vermelha sobre o amarelo e o branco. Alguns desenhos parecem ter sido repintados com tinta vermelha sobre os desenhos anteriores, mais apagados, cuja cor, branca ou amarela, aparece nas bordas; outras figuras diferentes foram pintadas, também, em vermelho, sobre os desenhos anteriores brancos e amarelos.

A dança e a caça são os temas principais do painel, embora outros motivos também apareçam. Em dança ritual, de iniciação sexual ou mesmo guerreira, as figuras do Grande Painel apresentam sempre grande movimento, aliás característico do estilo Seridó.

A variedade de antropomorfos e enorme e repete-se noutros abrigos do mesmo estilo. Ao contrário de outras pinturas rupestres localizadas no Nordeste, como as da tradição Agreste (Aguiar, 1982), onde as diferenças nos antropomorfos muitas vezes parecem consequência da imperícia do autor, as figuras humanas no estilo Seridó são, deliberadamente, distintas, como

querendo assinalar, firmemente, diferenças sociais, hierárquicas ou também, representando tribos diferentes que se enfrentam. Encontramos figuras esguias, de perfil, adornadas com longos cocares, pintadas na cor branca e outras também brancas, seguramente pintadas na mesma ocasião, que se apresentam de frente, com cocares de penas curtas e corpos atarracados. Figuras com grandes adornos na cabeça ou guerreiros sem adorno nenhum, apenas com suas armas. Uma curiosa figura, de cor amarela, corre levando um grande cocar que parece levantado pelo vento (Figura 15).

Cinco desenhos de barcas ou pirogas (Figuras 15 e 16) estão representados neste painel. No extremo superior esquerdo, junto a uma piroga com remo de desenho contornado, duas figuras antropomorfas lutam, uma atacando violentamente com uma borduna; ambas levam cocares curtos e uma delas leva saia de fibras. Outra barca, na cor vermelha, com remo, junto da qual lutam personagens armados, e uma figura perde o equilíbrio ante o impacto do seu inimigo. Mais duas barcas, de desenho contornado, em vermelho, sobrepõem-se às figuras humanas de longos cocares, pintadas na cor branca, que vão armadas com arcos e flechas com seu perfil característico que se assemelha a bocas desmesuradamente abertas que gritam ou cantam. A quinta piroga, de desenho muito cuidado, em vermelho sobre branco, apresenta uma barca com desenho plantado no casco; à sua esquerda, uma figura humana com grandes antenas enfrenta outra, com saia de fibras. Junto a elas uma figura itifálica parece dançar. Vê-se que, dentro do mesmo estilo, encontram-se, num mesmo painel, cinco formas diferentes de representar barcos, o que, aliás, é um tema constante no estilo (Figuras 17 e 18).

Chama logo a atenção ao contemplar-se o Grande Painel, a presença, com cuidadoso desenho, de dois tapetes que imitam tecido trançado ou pintado em vermelho e branco (Figura 16).

Uma cena de cópula, na cor amarela. Casais que conversam ou ensaiam uma dança e uma cena “familiar” tão típica do estilo. Uma das mais belas cenas do painel apresenta uma figura com grande penacho e que leva nos braços um ramo, encabeçando uma dança na qual participam mais sete figuras com lanças e bolsas. A última figura leva uma grande máscara em forma de chifres.

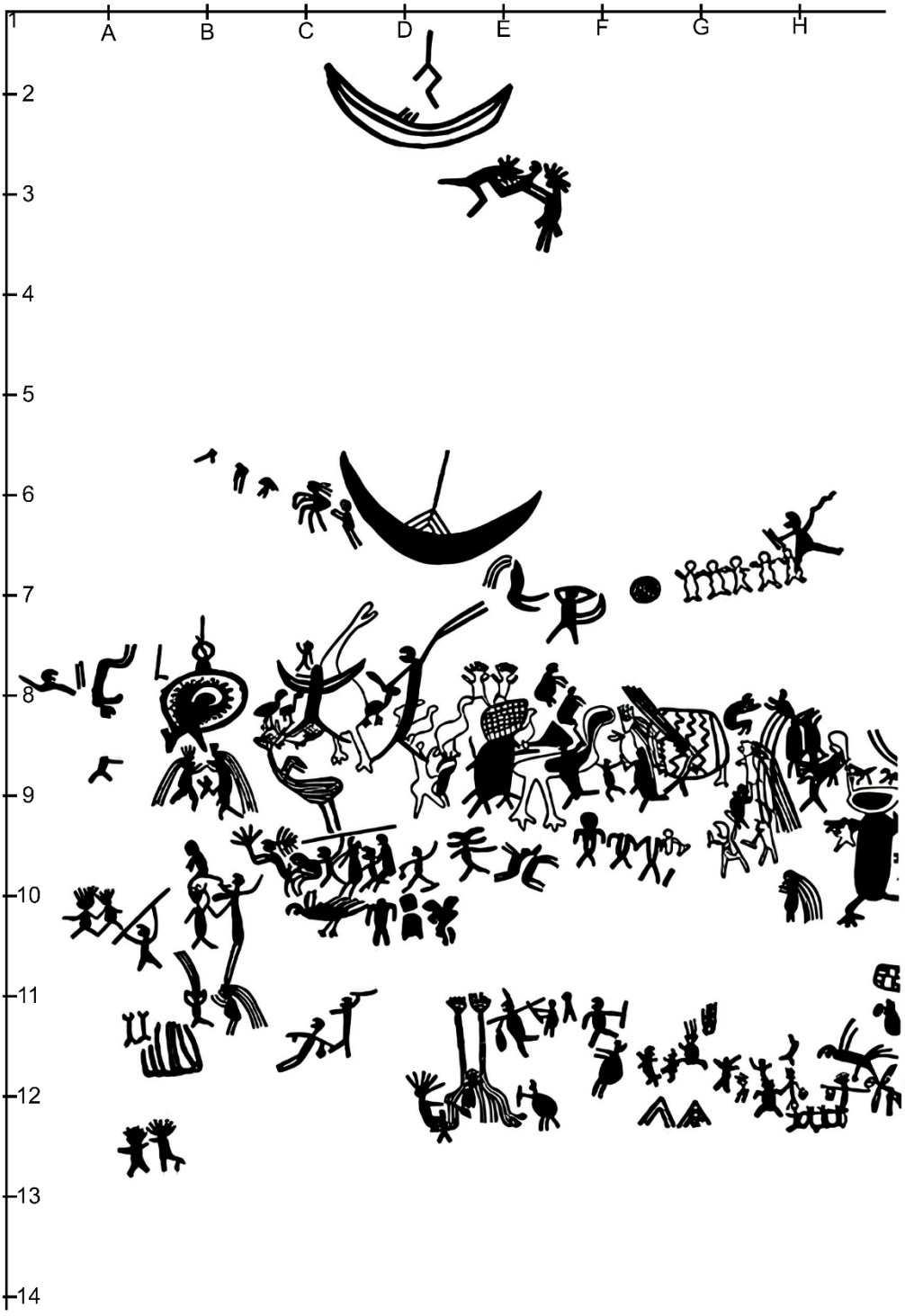


Figura 15: Figuras antropomorfas com adornos, pirogas. Sítio Casa Santa. Carnaúba dos Dantas (RN).

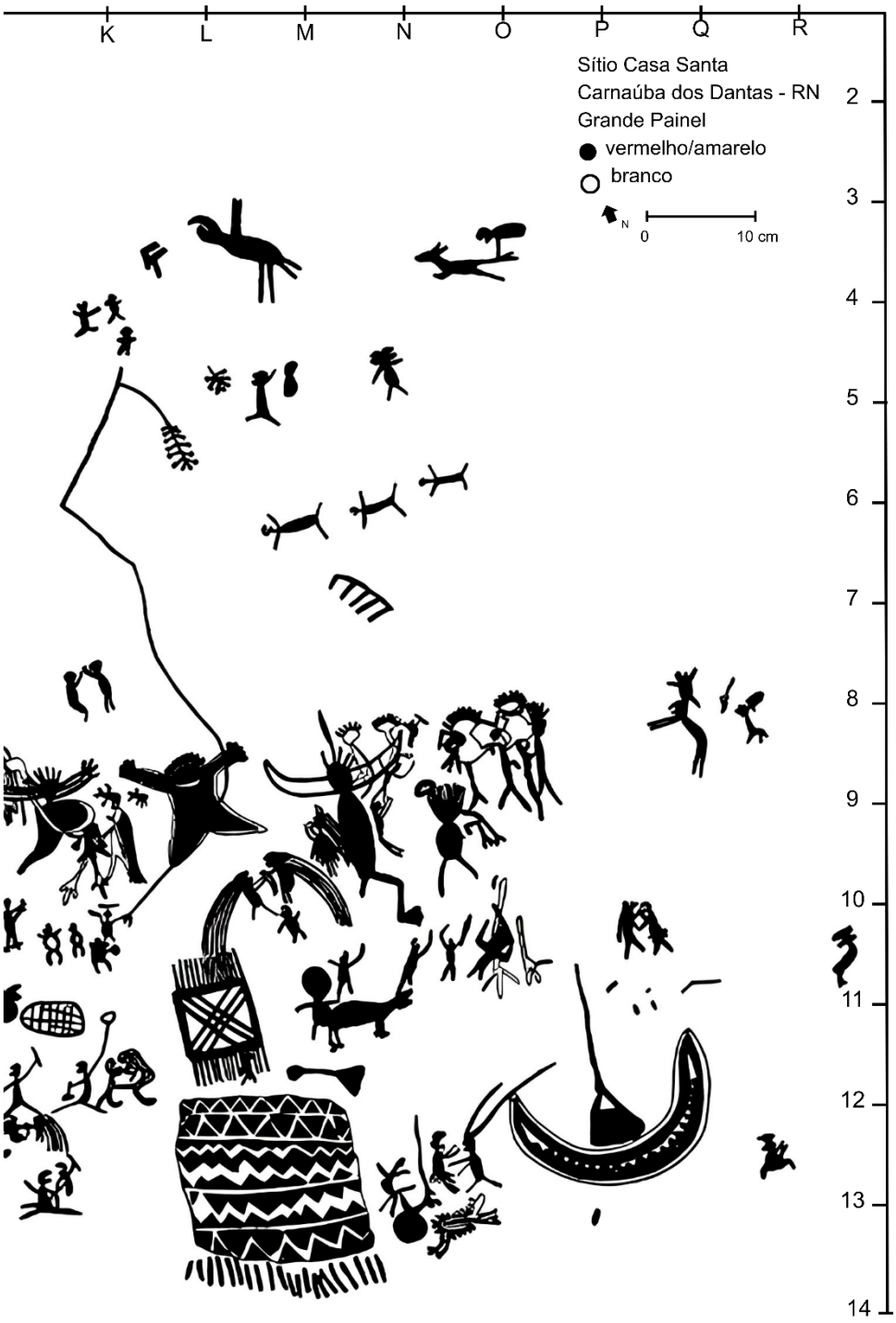


Figura 16: Figuras de pirogas, figuras humanas com longos cocares. Sítio Casa Santa. Carnaúba dos Dantas (RN).

Três figuras humanas aparecem caídas, possíveis vítimas de uma luta. Acima uma figura humana (incompleta) lança-se, violentamente, sobre um veado.

Os zoomorfos estão representados por quadrúpedes (veados) e por numerosas emas de diferentes tamanhos e nas cores vermelha, branca e amarela. Uma ema, de cor amarela, levanta suas pequenas asas inclinada para a corrida. Outras duas na mesma cor são acossadas por caçadores armados. Outras aves representadas são papagaios, quatro na cor vermelha e uma desenhada com tinta branca.



Figura 17: Representação de Piroga. Sítio Casa Santa. Carnaúba dos Dantas (RN).



Figura 18: Representação de Piroga. Sítio Casa Santa. Carnaúba dos Dantas (RN).

Melhor do que qualquer descrição, por mais detalhada que seja, é a observação cuidadosa do Grande Painel, que nos dá uma visão de conjunto. Observa-se então que os temas abstratos ou de difícil interpretação são muito poucos. Dentro da arte rupestre brasileira, o estilo Seridó pode considerar-se um estilo hiper-realista, uma representação viva da vida do grupo.

Infelizmente, não possuímos ainda elementos da cultura material dos grupos retratados. As sondagens realizadas nos abrigos que apresentavam algum sedimento foram infrutíferas. Os abrigos de estilo Seridó, até agora pesquisados, não eram lugares de habitação e nenhum material arqueológico foi achado por perto.

Pelas características dos desenhos podemos deduzir que se trata de grupos que conheciam tecelagem, navegação fluvial com pirogas, arcos e flechas, propulsores e bordunas, adornos plumários e, provavelmente, cerâmica, esta última, pelos recipientes redondos que muitos dos antropomorfos carregam, inclusive no abrigo Xique-Xique I, onde algumas figuras humanas carregam uma barra sobre os ombros com quatro ou seis recipientes pendurados. Temos aí, pois, uma sociedade organizada e hierarquizada que em nada difere dos grupos indígenas conhecidos a partir do Descobrimento e que possuíam culturas agrícolas; porém, como se calcula que em torno de 2000 a 1500 anos AP tenham começado formas incipientes de agricultura no Nordeste, é neste longo parêntese cronológico que devemos inserir o grupo humano que nos deixou retratada, com cor e movimento, sua vida cotidiana.

Referências

AGUIAR, A. 1982. Tradições e estilos na arte rupestre do Nordeste brasileiro. Clio Revista do Curso de Mestrado em História. v. 5 n. 1, Recife.

GUIDON, N. Definição e delimitação do estilo Várzea Grande (ensaio). Actes du XLII Congrès international des Américanistes. Vol. IXB,391-406, Paris.

MARTIN, G. 1982. O estilo Seridó na arte rupestre do Rio Grande do Norte. Comunicação I Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), Rio de Janeiro.